



ALZHEIMER
Pesquisadores do IBqM avançam no entendimento da doença. Mulheres representam 70% dos pacientes diagnosticados no Brasil e no mundo

Página 3

DEBATE SOBRE CARREIRA DEVE AGITAR CONGRESSO DO ANDES

Página 2



SUSTENTABILIDADE

Mudança de comportamento. Esse é o foco da nova Política de Sustentabilidade e Educação Regenerativa (SER/UFRJ), aprovada pelo Consuni em 12 de dezembro e que começa a planejar suas primeiras ações. Uma delas é uma inspeção energética em todos os prédios da universidade para identificar pontos de desperdício e indicar soluções. Outra é propor a introdução de disciplinas relacionadas à sustentabilidade nos cursos de graduação. “É um desafio muito grande? Sim, é uma utopia. Mas é viável e ela tem que ser perseguida”, defende o professor Francisco Esteves, coordenador da SER/UFRJ.

Páginas 4 e 5

43º CONGRESSO COMEÇA NO DIA 27. CARREIRA DEVE SER TEMA CENTRAL

Na próxima semana, entre os dias 27 e 31 de janeiro, a cidade de Vitória (ES) receberá o 43º Congresso do Andes. O Sindicato Nacional prevê a participação de 600 a 650 professores de universidades federais, estaduais, municipais e CEFETs de todo o país. Os números consolidados do encontro serão conhecidos apenas ao final do primeiro dia de atividades, quando será encerrado o credenciamento das delegações.

O Congresso deste ano terá a inscrição de chapas que irão concorrer às eleições para a diretoria do Andes, em maio. Em paralelo às discussões das plenárias, os grupos políticos que disputam as forças da direção nacional do sindicato vão se articular para a corrida eleitoral.

Ao menos três grupos têm condições de apresentar chapas: o Andes de Luta e Pela Base, que atualmente dirige o Sindicato Nacional e é composto por professores ligados a correntes políticas do PSOL e PCB; o Fórum Renova Andes, até o momento o principal grupo de oposição à diretoria nacional, que reúne docentes ligados ao PT, PSOL, PDT e PCdoB; e o Coletivo Rosa Luxemburgo, responsável por articular a votação para a entrada em greve ainda no início do ano passado (venceu a posição da diretoria nacional em plenário), cujos integrantes são alinhados com setores mais à esquerda do PSOL, PCB e PSTU.

Luis Acosta, professor da UFRJ e 2º vice-presidente nacional, acredita que o tema central do encontro será o modelo de carreira de professor



federal. “O congresso eleitoral ‘esquenta’ as discussões, mas acredito que o principal tópico será a carreira única”, diz. A conjuntura nacional e internacional é outro ponto de preocupação. “Também acho que haverá centralidade no debate sobre o novo governo dos Estados Unidos e como ele vai direcionar as ações da ultradireita no mundo, inclusive aqui no Brasil”, aponta o dirigente.

O docente prevê, ainda, que as discussões em torno do reajuste salarial deste ano, fruto de acordo firmado em 2024 e ainda não efetivado em folha, trará mais tensão aos debates. “Há um mal-estar na categoria, porque o início do pagamento foi adiado até que se aprove a Lei Orçamentária Anual”, ava-

VEJA QUAL É A DELEGAÇÃO ELEITA AO 43º CONGRESSO

A delegação da AdUFRJ ao 43º Congresso foi votada em assembleia geral presencial, no dia 16 de dezembro. Foram eleitos 12 delegados e 11 observadores. Presidente da AdUFRJ, a professora Mayra Goulart é a delegada indicada da diretoria e por isso não foi votada na assembleia. Veja quem são os delegados e os observadores.

DELEGADOS

1. Mayra Goulart (diretoria)
2. Nedir do Espírito Santo
3. Antonio Mateo Solé Cava
4. Verônica Miranda Damasceno
5. Rodrigo Nunes da Fonseca
6. Marcio Marques Silva
7. Carlos Augusto Domingues Zarro
8. Cláudia Rocha Mourthé

OBSERVADORES

1. Claudia Figueiredo
2. Bruno Reys
3. Tatiana Oliveira Ribeiro
4. Maria Fernanda Elbert Guimarães
5. Ricardo Medronho
6. Maria Tereza Leopardi
7. Maria Auxiliadora Santa Cruz
8. Alice Coutinho da Trindade
9. Leonardo D'Angelo
10. Cláudio Ribeiro
11. Aline Caldeira

EVENTO VOLTAAO ESPÍRITO SANTO APÓS 40 ANOS

O 43º Congresso será realizado em Vitória. A anfitriã será a Adufes, a Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo. As plenárias acontecerão no Campus Goiabeiras. O congresso volta à capital capixaba depois de 40 anos.

“É uma grande alegria ter conosco mais uma vez as delegações de todo o país para realizar o mais importante evento deliberativo da nossa categoria”, comemora a professora Ana Carolina Galvão, presidenta da Adufes. “Estamos colocando todo nosso empenho para fazer um grande Congresso”, garante.

A organização do evento começou ainda no primeiro semestre do ano passado e envolve as diretorias da Adufes e do Andes, além de dezenas de profissionais de diversas

áreas. “É um evento grande. Tudo foi preparado com muita atenção, profissionalismo e carinho. Cada detalhe, desde os materiais gráficos e informativos, até as instalações e demais estruturas. Está tudo sendo cuidado para oferecer o melhor Congresso que podemos fazer”, afirma. “Estamos ansiosos e ainda temos muito trabalho nos próximos dias!”.



CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

- IBEU
- CLUB PET
- MAPLE BEAR TIJUCA
- MIT CUIDADORES
- ACADEMIA TIJUCA FIT
- MADONA CLINIC
- PSICARE PSICARE
- FISIOTERAPIA RJ LTDA
- CRECHE AMANHECENDO
- CRECHE ESCOLA RECRIAR
- CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
- ROÇA URBANA ORGÂNICOS
- JC LUZ CORRETORA
- FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
- BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
- MACAÉ
- ESCOLA ALFA
- CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
- HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
- MAIS FITNESS ACADEMIA
- CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
- INSPIRE ENERGIA SOLAR
- KALUNGA PAPELARIA
- DROGARIA RAIA
- WELLHUB

Mais um passo para o entendimento do ALZHEIMER

> Pesquisadores do IBqM da UFRJ descobrem ligação entre a redução da molécula carnitina e o diagnóstico da doença em mulheres. Estudo foi realizado com 125 pacientes do Brasil e dos Estados Unidos

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A ciência brasileira deu mais um importante passo na busca de diagnósticos mais precisos, rápidos e simples para o Alzheimer. Pesquisadores da UFRJ descobriram uma ligação entre a perda de uma substância chamada carnitina no sangue de mulheres e a identificação da doença. O achado foi publicado em 7 de janeiro na revista Molecular Psychiatry, do grupo Nature, e abre caminho para a popularização de exames menos invasivos na população de risco para a demência. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, cerca de 35 milhões de pessoas vivem com Alzheimer. No Brasil, estima-se que 1,2 milhão de pessoas convivam com a doença. Setenta por cento dos pacientes são mulheres.

Nos achados dos pesquisadores brasileiros, a reduzida quantidade de carnitina – molécula que participa do transporte de gordura – no sangue tornou o diagnóstico para o Alzheimer mais preciso em pacientes mulheres. Líder da pesquisa na UFRJ, o professor Mychael Lourenço, do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo De Meis (IBqM), explica que os cientistas buscam descobrir o que torna as pessoas vulneráveis à demência. “Tentamos avançar nessas respostas. Nossa pesquisa mais recente traz dois apontamentos principais. Primeiro: a perda da carnitina. Percebemos essa molécula reduzida principalmente no sangue de mulheres com Alzheimer”, conta. “Segundo: quando nós juntamos este achado com outros parâmetros já conhecidos, o diagnóstico ficou muito mais preciso”, explica.

A descoberta abre a possibilidade para a popularização de diagnósticos menos invasivos e mais rápidos. “Já temos marcadores que mostram maior precisão no diagnóstico da doença e a carnitina pode ser mais um deles. Hoje temos exames muito caros, só feitos em laboratórios muito específicos. Então, são diagnósticos ainda pouco acessíveis à população”, afirma. “Creio que, num futuro próximo, as pesquisas tornarão esses exames mais democratizados e mais acessíveis”.

A pesquisa foi feita com 125 pessoas do Brasil e dos Estados Unidos, numa cooperação en-



FOTOS: ACERVO PESSOAL



MYCHAEL LOURENÇO é professor do Laboratório de Neurociência Molecular do IBqM e líder do estudo na UFRJ

tre a UFRJ e a Universidade de Nova York (NYU). Houve, ainda, participação do Instituto D’Or e da Universidade da Califórnia no recrutamento de pacientes. A maioria formada por mulheres. Esse é um outro diferencial da investigação. “Muitos estudos nessa área são feitos com populações europeias ou norte-americanas, que são muito diferentes da nossa população. Além disso, muitos estudos não dão ênfase às mulheres, que são as maiores vítimas da doença”, explica o docente.

A próxima fase da pesquisa pretende ampliar o número de pessoas investigadas para tentar compreender a exata relação da carnitina com a demência. “Precisamos saber por que a baixa carnitina está associada com a perda de memória. Pode ser que a carnitina atue como fator de proteção para mulheres e sua queda, a partir da menopausa,

torne essas mulheres mais suscetíveis ao Alzheimer”, aponta o pesquisador.

A queda da molécula na menopausa abre outra possibilidade para a ciência, segundo Mychael Lourenço. “Talvez tenhamos que ter intervenções mais personalizadas. A medicina já está avançando para esse campo, a chamada medicina de precisão. É preciso um olhar diferente para homens e mulheres em vulnerabilidade à demência”, defende.

Algumas ações já são conhecidas e valem tanto para homens quanto para mulheres evitarem ou minimizarem os riscos de desenvolver demência. “Realizar treinamentos cognitivos, reverter eventuais perdas auditivas com auxílio de aparelhos, realizar atividades físicas e controlar a pressão estão entre ações preventivas ao Alzheimer”, orienta o pesquisador.

lidação com o segundo grupo de pacientes e que poderíamos publicar a descoberta numa revista de grande visibilidade”, afirma. “É um processo longo, demorado, feito com muito cuidado, criterioso. A resposta da revista foi muito positiva no sentido de confirmar que os resultados eram confiáveis. É realmente muito gratificante”.

ORGULHO DE SER UFRJ

Diretor do IBqM, o professor Robson de Queiroz Monteiro não esconde o orgulho dos colegas, do trabalho publicado e das descobertas sobre uma doença que afeta tantos brasileiros. “Além de ser o atual diretor do instituto, eu coordenei o programa de pós-graduação em Química Biológica por sete anos. Os professores que lideram esses estudos são meus parceiros”, conta. É uma satisfação em triplô! Primeiro porque sou cria da UFRJ, fiz minha graduação, mestrado, doutorado aqui. Depois, por ter como colegas professores tão gabaritados. E por ser amigo deles!”.

O diretor é só elogios ao amigo, professor Mychael Lourenço. “O professor Mychael é uma prata da casa. Brilhante desde quando era estudante. Ele faz parte de um grupo muito atuante de professores que lideram pesquisas extremamente relevantes para doenças neurodegenerativas. É um imenso orgulho para nosso instituto e para a universidade termos professores tão brilhantes e que levam o nome do instituto e da UFRJ para o mundo”, afirma.

“Tive a honra de conviver com o professor Leopoldo de Meis, que dá nome ao nosso instituto. Ele certamente também estaria muito feliz com o sucesso desses estudos”.

Segundo Monteiro, a descoberta também mostra o potencial da pesquisa brasileira. “O estudo mostra a importância da pesquisa feita na universidade pública brasileira e pode até impactar nos índices de ranqueamento internacionais”, sugere. Mas ele faz um alerta. “Se queremos manter esse índice de qualidade, precisamos ter atenção com a nossa infraestrutura. Não basta vencermos um edital de fomento para um equipamento específico, se nossa estrutura é passível de quedas de energia, de perda de dados”, afirma. “A gente quer ter pequenos centros de excelência e grandes áreas depreciadas?”, questiona. “O governo precisa se debruçar sobre essa questão. Precisamos de financiamento para dar conta de nossa infraestrutura”.

RELEVÂNCIA INTERNACIONAL

A pesquisa liderada pelo professor contou também com intenso trabalho do pós-doutorando Ricardo Lima Filho, do Laboratório de Neurociência Molecular, orientando de Mychael. “É muito gratificante achar novos indicativos de uma molécula ainda tão pouco estudada numa pesquisa com relevância internacional”, orgulha-se. “Comecei a trabalhar nesse projeto ainda no doutorado. Já havíamos investigado, junto com a professora Carla Nasca, da NYU, a carnitina no diagnóstico de depressão em mulheres. Resolvemos, então, seguir a investigação para o Alzheimer”, conta. “Foi tão interessante ver essa relação acontecendo e os resultados serem tão alinhados entre os pacientes brasileiros e os norte-americanos! Ficamos muito felizes em ver essa amostragem tão semelhante em um público tão diferente. Deu mais segurança para seguirmos com as pesquisas”, diz Ricardo.

O pesquisador conta que a equipe notou a relevância dos achados logo no início do estudo. “Ficamos bastante confiantes que conseguiríamos ter uma va-



SUSTENTABILIDADE

guia nova política da UFRJ

> Aprovada em dezembro no Consuni, diretriz une esforços pelo uso sustentável de recursos como água e energia elétrica à educação regenerativa, e vai propor mudanças nos currículos da graduação

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

Iniciar um detalhado levantamento energético em todos os prédios da universidade e fomentar a introdução de disciplinas ligadas ao tema da sustentabilidade nos cursos de graduação são duas ações imediatas da recém-criada Política de Sustentabilidade e Educação Regenerativa (SER/UFRJ), aprovada em dezembro pelo Conselho Universitário. Mais do que buscar formas de

reduzir o consumo e os gastos com energia elétrica e água — uma demanda urgente da reitoria —, a nova política tem como foco uma mudança de comportamento em todo o corpo social da UFRJ, com a pretensão de que essa mudança se espalhe pela sociedade.

“É um desafio muito grande? Sim, é uma utopia. Mas é viável e ela tem que ser perseguida. Não temos outra opção. Se não reduzirmos a emissão de gases de efeito estufa e encontrarmos formas de sequestrar o carbono da atmosfera, nós vamos ter ca-

tástrofes num futuro próximo. Fortes ondas de calor, enchentes e queimadas, por exemplo. Temos que nos reeducar. A educação é o motor dessa transformação. Nosso foco é uma mudança de comportamento na UFRJ, por meio da sensibilização, e daí para a sociedade”, acredita o professor Francisco Esteves (Nupem/CCS), coordenador da SER/UFRJ.

LEVANTAMENTO

Vinculada diretamente à reitoria, a coordenação da SER/UFRJ vai atuar com o apoio

de seis câmaras técnicas (veja abaixo), que vão gerar conteúdos e recomendações relacionados às ações de sustentabilidade e educação regenerativa. Uma delas, sob a coordenação da professora Susanne Hoffmann (EQ/CT), é a Câmara Técnica de Planejamento e Gestão Ambiental. Caberá a ela a elaboração de um diagnóstico sobre as condições de uso de energia elétrica em toda a UFRJ.

É um trabalho e tanto, mas experiência não falta. A professora Susanne vem trabalhando

há muitos anos no Plano de Logística Sustentável (PLS), um programa governamental criado em 2012 e obrigatório para órgãos federais. “Quem estava com essa incumbência aqui na UFRJ era um grupo pequeno na prefeitura, sem estrutura e pessoal suficiente para essa tarefa. Cheguei à equipe da SER/UFRJ por conta desse histórico e do diagnóstico que temos do consumo de água e energia elétrica, ainda bem inicial”, diz a professora.

De acordo com as informações mais recentes levantadas

no âmbito do PLS, a UFRJ tem acentuadas desigualdades no consumo de energia elétrica entre suas unidades. Se o Restaurante Universitário Central, pelo uso intensivo, tem alto consumo, prédios como o IFCS e o JMM têm baixo consumo. “Esses prédios estão em situação precária, não têm climatização e até iluminação adequadas. Nesses lugares é preciso aumentar o consumo para garantir um bom ambiente para o estudo. Por outro lado, temos prédios onde há excessos ou desperdício, onde é preciso cortar. Temos que equilibrar isso, ter um olhar mais cuidadoso. Deixar um ar-condicionado ligado, por exemplo, pode passar despercebido aqui, jamais passaria em uma residência”, exemplifica Susanne.

Segundo a docente, a inspeção energética pode identificar gargalos e apontar soluções, algumas simples e de baixo custo. “Esse levantamento pode ser feito com equipes também compostas por alunos, estagiários, bolsistas. No CT, por exemplo, há várias salas com somente um interruptor para diferentes gabinetes. Era uma sala grande que foi dividida. Às vezes uma só pessoa trabalha com vários gabinetes com a luz ligada, algo simples de ser corrigido, e barato. A inspeção pode detectar isso e sugerir correções”.

Susanne Hoffmann sustenta que o consumo de energia elétrica na UFRJ não pode ser considerado “exagerado”. “A conta parece muito alta, mas quando a gente olha a conta per capita, a quantidade de alunos que atendemos, essa conta não é muito além do que se espera para uma universidade do nosso tamanho. Isso precisa ser desmistificado. Temos problemas internos, sim. Temos que aumentar nossa rede de medidores de energia. Temos 70 mil pessoas para 65 medidores, aproximadamente. Não é possível mensurar quem exagera ou não no consumo. Precisamos fazer análises mais detalhadas dentro dos prédios, identificar onde é possível usar a energia elétrica de forma mais inteligente”.

De acordo com as informações mais recentes levantadas



AFINADOS Susanne e Francisco integram a equipe da SER/UFRJ e querem sensibilizar para a mudança

“Precisamos fazer análises mais detalhadas dos prédios, identificar onde é possível usar a energia elétrica de forma mais inteligente”

SUSANNE HOFFMANN
Professora da EQ/CT

UFRJ, pois há lugares em que o consumo precisa subir para garantir condições adequadas, e outros onde ele vai diminuir. Mas talvez consigamos reduzir em 10% ou até 20%”.

No ano passado, os gastos da UFRJ com energia elétrica e água bateram R\$ 136 milhões e as concessionárias chegaram a suspender o fornecimento por falta de pagamento. Em 7 de janeiro, o reitor Roberto Medronho reuniu-se com integrantes da coordenação da SER/UFRJ, além do ETU e da Prefeitura Universitária, para definir ações de uso racional da energia elétrica e da água. A inspeção energética foi uma das ações propostas no encontro.

MODELO

Ao mesmo tempo em que uma inspeção pode indicar soluções para o uso racional de energia elétrica nos campi, a SER/UFRJ vai trabalhar nas instâncias de decisão da universidade para

“Temos que mostrar aos alunos, ao longo da graduação e da pós-graduação, que o homem se afastou da natureza e que tem que se reconectar com ela”, defende Esteves.

FRANCISCO ESTEVES
Professor do Nupem/CCS

introduzir disciplinas ligadas à sustentabilidade e à educação regenerativa nas grades curriculares. “O reitor Roberto Medronho procurou o Instituto de Biologia com o intuito de montar um grupo de trabalho para propor uma política para a UFRJ, uma das poucas universidades brasileiras que não tinha uma diretriz estabelecida nesse tema. Fizemos um levantamento e percebemos que as políticas de sustentabilidade de muitas universidades tinham como foco a gestão dos recursos, mas que não tinham um componente que nós incorporamos na nossa política: a educação”, contra o professor Francisco Esteves.

O coordenador da SER/UFRJ acredita que a universidade poderá quebrar paradigmas com mudanças curriculares. “Fizemos apresentações em todos os centros. No CT, um professor da Escola Politécnica veio me procurar após a apresentação e disse assim: ‘A ideia é fantástica. Mas aqui formamos engenheiros que não têm ideia do que é isso. O currículo precisa ser mudado. Vamos induzir essa discussão e mostrar que há necessidade de introduzir a Sustentabilidade em todas as áreas do conhecimento, mudando as grades curriculares, algumas mantidas como eram nas décadas de 60 e 70 do século passado. Temos que mostrar aos alunos, ao longo da graduação e da pós-graduação, que o homem se afastou da natureza e que tem que se reconectar com ela”, defende Esteves.

Na visão da SER/UFRJ, a Ilha do Fundão, maior campus da universidade, tem tudo para se tornar um modelo de sustentabilidade. “Temos aqui um potencial enorme. O Fundão é um lugar maravilhoso para ser um campus sustentável. Temos grandes áreas verdes, interface com o mar. Poderíamos ter um grande pátio de compostagem aqui para aproveitamento de resíduos. Temos a Ilha do Catalão, um espaço incrível. Podemos tornar o Fundão um modelo de sustentabilidade”, vislumbra Susanne Hoffmann.

POR DENTRO DA SER/UFRJ: ESTRUTURA, RECURSOS E EQUIPE

A nova Política de Sustentabilidade e Educação Regenerativa deu seu pontapé inicial em outubro de 2023, quando a reitoria reuniu especialistas no tema e instituiu um grupo de trabalho para definir os parâmetros da diretriz. A partir de oficinas ampliadas, esse grupo chegou ao modelo da política aprovada pelo Consuni em 12 de dezembro do ano passado, em que a educação está no centro da gestão ambiental da universidade.

A SER/UFRJ prevê que os conceitos e práticas voltados para a sustentabilidade e para a educação regenerativa devem ser integrados às

atividades de ensino, pesquisa, extensão, inovação, gestão, governança, planejamento e gerenciamento de projetos e obras da UFRJ. Além da Coordenação Geral, pilotada pelo professor Francisco Esteves, a SER/UFRJ tem um Comitê Executivo, um Fórum e seis câmaras técnicas.

O Comitê Executivo é composto por um representante docente de cada centro e por dois alunos indicados pelo DCE Mário Prata e pela Associação de Pós-Graduandos (APG), além da Coordenação Geral. Já o Fórum é um órgão consultivo que reúne a Coordenação Geral, o Comitê Executivo e as câmaras técnicas. As seis câmaras temáticas

vão municipal a Coordenação da SER/UFRJ com propostas em várias áreas. “Estamos abertos para receber adesões de alunos, técnicos e professores para nos ajudar na execução da política”, convida o professor Francisco Esteves. São elas:

✓ **Ambientalização Curricular e de Pesquisa:** será dela a tarefa de propor mudanças curriculares na graduação e também na pós-graduação e extensão.

✓ **Planejamento e Gestão Ambiental:** ficará com a missão de fazer a inspeção energética e sugerir planos de ação para mitigar e evitar passivos ambientais, além de contribuir para a elaboração do Plano Diretor e do Plano

de Logística Sustentável.

✓ **Transição e Futuros Sustentáveis:** tem a missão de fomentar uma cultura de sustentabilidade nos campi e unidades externas da UFRJ, inclusive estimulando a formação de parcerias.

✓ **Comunicação, Escuta Socioambiental e Cultural:** vai trabalhar para fortalecer os laços de comunicação, participação e integração dentro da comunidade universitária, contribuindo para a construção de uma universidade mais democrática, sustentável, inclusiva e diversa.

✓ **Prevenção e Enfrentamento de Desastres Naturais e Emergências Ambientais e Sanitárias:** vai auxiliar na elaboração de metas e planos de adaptação e mitigação frente às mudanças climáticas, assim como no enfrentamento de situações de desastres.

✓ **Estratégia de Implementação da Política SER/UFRJ:** vai coordenar a elaboração do plano de implementação da política.

A SER/UFRJ terá uma estrutura de apoio para captação de recursos por meio de editais de fomento como os do Procel (Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica), do Ministério de Minas e Energia.

EDUCAÇÃO REGENERATIVA É DIFERENCIAL DA NOVA POLÍTICA

A inserção da Educação Regenerativa na SER/UFRJ é um “pulo do gato” em relação a diretrizes da mesma temática de outras universidades brasileiras e mesmo do exterior. Um amplo levantamento feito pela equipe da SER/UFRJ mostrou que esse é um diferencial, já que as políticas existentes têm foco na gestão dos recursos.

“A articulação entre ensino, pesquisa, extensão e inovação será prioritária para que a Educação Regenerativa passe a vigorar nos currículos, no pensamento e na ação da comunidade universitária”, defende Francisco Esteves.

Foi fundamental para a conceitualização de Educação Regenerativa o estudo feito pelo professor Guto Nóbrega (EBA), vice-decano do CLA, a partir do qual ficou evidente a necessidade de introduzir a temática da Sustentabilidade nos currículos da UFRJ.

“Ao pensarmos no ambiente da UFRJ devemos considerar a sua força motriz, que é a produção de conhecimento. Estamos falando de práticas educacionais que muitas das vezes são operadas por uma lógica de pesquisa pautada na produtividade e a eficiência. São valores que talvez mereçam ser parametrizados por uma outra tem-

poralidade, menos quantitativa e mais próxima da natureza e seus ciclos. Para tal feito necessitamos reorientar nossos currículos”, sustenta Guto Nóbrega.

ROMPER BARREIRAS

O professor da EBA argumenta que os saberes tradicionais, como os dos povos originários, devem ser incorporados à lógica da academia. “Temos o saber científico, mas também os saberes locais, tradicionais, ancestrais. É papel de uma educação regenerativa e sustentável resgatar tais saberes e reintegrá-los ao lugar de fala da produção de conhecimento”.

Guto Nóbrega sabe que não será fácil incorporar essa visão aos rígidos padrões da academia, mas acredita que a SER/UFRJ possa romper barreiras. “O que é imperativo é uma nova filosofia que promova a mudança necessária no indivíduo, para que possamos a partir disso lugar de ação transformar nosso ambiente comum. São pequenas mudanças que, somadas pouco a pouco, podem desencadear a transformação comportamental que desejamos para benefício da planeta. Isso se dá no domínio da educação, uma educação regenerativa”.

O professor Francisco Esteves reforça a crença. “Nosso objeti-

vo é efetivamente fortalecer o legado da UFRJ na sociedade com nossas ações e, para tanto, a formação de nossos estudantes, da educação básica à pós-graduação, precisa ter como cerne a sustentabilidade”, diz ele.

Além de Francisco Esteves, Susanne Hoffmann e Guto Nóbrega, integram a equipe de coordenação da Política SER/UFRJ os professores Laís Freire (IB/CCS), Thiago Gomes (Instituto Político-UFRJ-Macaé), Andrea Borde (FAU/CLA), Jussara Lopes (IQ/CCMN), Fátima Bruno (FACC/CCJE) e Marcelo Cortes (CAP/CFCH).

ALEXANDRE MEDEIROS

Universidade alerta para segurança de dados digitais

> Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SGTIC) recomenda alternativa aos serviços de videoconferência que são mais conhecidos do público desde a pandemia

RENAN FERNANDES
comunica@adufrrj.org.br

As aulas, seminários e reuniões virtuais entraram para a rotina das universidades como alternativa de comunicação para a comunidade acadêmica. Desde o confinamento forçado pela pandemia da covid-19, aplicativos como Google Meet, Skype e Zoom não saíram mais de celulares e computadores de professores, técnicos e estudantes. Mas, agora, a segurança de dados entrou na mira dos órgãos de controle da União.

O Ministério Público Federal notificou a UFRJ, em julho de 2024, sobre o uso de plataformas privadas de videoconferência em eventos acadêmicos e administrativos — a universidade não tem contrato com nenhuma empresa que ofereça esse tipo de serviço. Ou seja, não há controle sobre os dados de quem acessa as plataformas.

“Tudo o que é feito em uma chamada virtual, gravada ou não, em uma plataforma privada, é de poder da empresa”, alerta Ana Maria Ribeiro, superintendente geral de Tecnologia de Informação e Comunicação da UFRJ. “Por que esses serviços são gratuitos? Porque concordamos em ceder todos os dados para que façam o que bem entenderem”, explica.

A questão sobre a segurança de dados vai além das ferramentas de videoconferência. Ribeiro revelou preocupação com a falta de regulamentação quanto ao armazenamento de dados sensíveis em servidores privados fora do Brasil. “Quando o estudante se comunica com o orientador por meio do gmail, essa informação é armazenada em um banco de dados nos EUA. Não duvide que essa tese ou dissertação vá parar em um texto em inglês, alemão ou japonês”.

Em novembro de 2024, em meio a uma batalha judicial, o Google deletou 14 mil contas de e-mails gerenciadas pela Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Em março, a empresa já havia sido multada em quase R\$ 1 milhão pelo Procon por descumprimento de oferta e veiculação de propaganda enganosa. A empresa do Vale do Silício anunciou que passaria a cobrar pelo serviço Google Workspace for Education, antes anunciado como gratuito. A UFJF tinha cerca de 700 terabytes de dados



Tudo o que é feito em uma chamada virtual, gravada ou não, em uma plataforma privada, é de poder da empresa

ANA MARIA RIBEIRO
Superintendente da SGTIC



“Nossos dados e produções científicas não podem ficar vinculadas às vontades das big techs”. A doutoranda em Direito da FND defendeu o uso de plataformas nacionais como alternativa às plataformas privadas. “Esse é um debate superatual. É muito importante valorizar o que é desenvolvido aqui e a UFRJ pode liderar esse processo”.

RNP

Como a tecnologia de videochamadas já é parte da rotina da universidade, é preciso encontrar alternativas. Como forma de garantir a aplicação da Lei Geral de Proteção de Dados, a SGTIC emitiu um ofício recomendando o uso do ConferênciaWeb, serviço de salas virtuais da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP).

A RNP é uma organização social vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. A UFRJ é uma das instituições que fazem parte da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), que libera todas as funcionalidades da plataforma. O cadastro no sistema é feito por meio da intranet e está disponível para todos que têm vínculo ativo com a universidade e e-mail institucional.

A SGTIC já organizou junto à RNP quatro oficinas de treinamento de professores na UFRJ

para o uso do ConferênciaWeb. A professora Katia Bloch, diretora-adjunta de pós-graduação e pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, participou do encontro no mês de dezembro e utilizou o serviço em reunião com a equipe do IESC. “Ainda preciso explorar mais os recursos, mas foi bem fácil usar o serviço. Atendeu perfeitamente às minhas necessidades”.

A docente recordou que já teve receio de compartilhar material de suas aulas por meio de plataformas privadas. “Cheguei a gravar algumas aulas, mas nunca me senti confortável para disponibilizar isso na internet”, disse. “Achava que existia um risco de o material ser modificado e nunca divulguei essas aulas. Ter uma ferramenta de maior confiança é importante”, completou.

Além do ConferênciaWeb, o sistema da RNP conta com outros serviços desenvolvidos para atender às necessidades de ensino e pesquisa, como o FileSender, ferramenta para envio de arquivos grandes, e o Eduplay, um portal de vídeos voltado para o ensino superior.

A quinta mostra ConferênciaWeb RNP organizada pela SGTIC acontece no dia 28 de janeiro, das 15h às 17h. As inscrições podem ser feitas pelo e-mail secretaria@tic.ufrrj.br.

TUTORIAL

Membros da comunidade acadêmica podem utilizar todas as funcionalidades dos serviços da RNP de forma gratuita. Para isso, é necessário configurar o acesso por meio da rede CAFe.

1. Acesse a Intranet da UFRJ com CPF e senha
2. Clique no ícone da rede CAFe
3. Clique na opção “Para configurar seu cadastro, clique aqui”
4. Preencha os campos com seu email institucional ufrrj.br e sua senha da Intranet
5. Clique em “Confirmar”
6. Acesse <https://conferenciaweb.rnp.br/>
7. Selecionar a opção “Entrar”
8. Clicar em “Entrar” com acesso federado à rede CAFe
9. Selecionar a UFRJ entre as instituições parceiras
10. Entrar com o e-mail e a senha cadastrados anteriormente

Em caso de falha nesta última etapa, tente apagar os cookies do navegador ou utilizar o modo de navegação anônima

Reitores discutem políticas de equidade de gênero

> Em Ouro Preto (MG), evento da Andifes apresentou dados preocupantes sobre a situação das mulheres nas universidades. Exemplos de boas práticas podem ajudar a reverter o quadro atual

KELVIN MELO
comunica@adufrrj.org.br

As mulheres são maioria entre os estudantes pós-graduação e titulados pelas universidades federais. Apesar disso, não alcançaram representatividade equivalente no corpo docente dos programas de pós.

Desde 1997, elas — que hoje representam 54,8% dos pós-graduandos — ultrapassaram os homens no número de alunos que obtiveram o mestrado; e, desde 2003, entre os que conseguiram o doutorado.

Já a análise do quadro docente dos programas de pós-graduação mostra outro cenário (ao lado). Nas nove grandes áreas do conhecimento, as professoras são maioria apenas em duas: Linguística, Letras e Artes (59%) e Saúde (55%). Há um empate (50%) nas Humanas. Nas outras seis, os homens predominam.

Os dados foram apresentados pela presidente da Capes, professora Denise Pires de Carvalho, em seminário organizado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), no último dia 22, em Ouro Preto (MG). O evento, que reuniu os gestores e representantes de ministérios, do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal de Contas da União, debateu políticas para a equidade de gênero nas universidades.

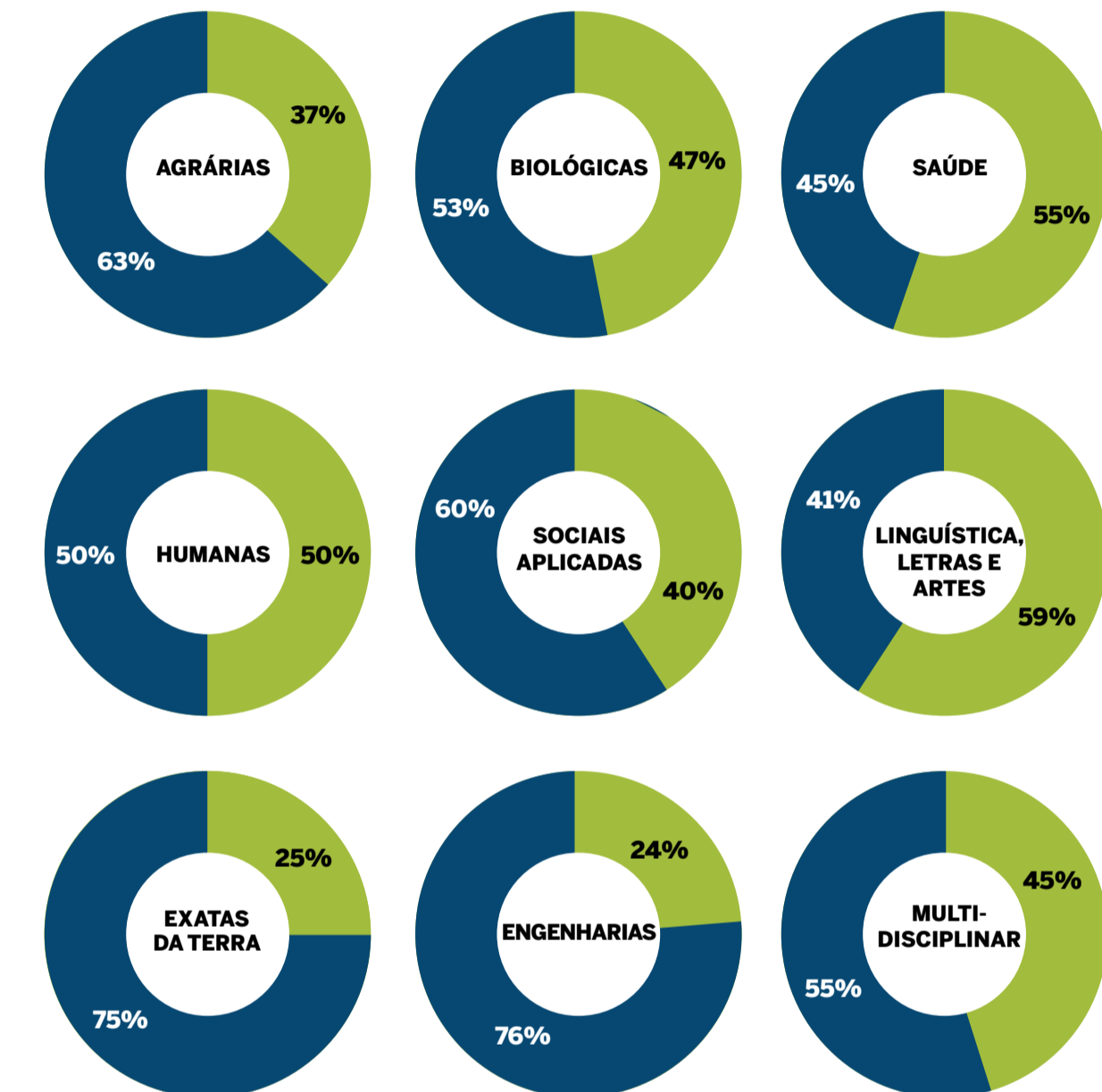
“Qual a explicação de termos mais mulheres ingressando, se titulando e menos mulheres como docentes nestas áreas? Elas desistem ou não são selecionadas? Elas não são selecionadas”, criticou Denise. “Há um viés de gênero, que não é implícito. Os dados estão aí. Não se pode falar em minoria quando se fala de gênero feminino. O que há é a opressão, a invisibilidade, a tentativa de manter esse gênero fora dos cargos de destaque”, completou.

ASSÉDIO

São vários os fatores que dificultam o desenvolvimento das mulheres na carreira acadêmica. E um deles, de acordo com estudo do Tribunal de Contas da União realizado entre 2023 e o ano passado, não tem recebido a devida atenção da maioria das universidades federais: 41

DISTRIBUIÇÃO DO CORPO DOCENTE*

*Por grande área e sexo. Brasil, 2022



■ FEMININO ■ MASCULINO
FONTE: Plataforma Sucupira (CAPES)

delas (ou 60% do total) não possuem política de prevenção e combate ao assédio de forma institucionalizada. Entre as 28 que possuem políticas, ainda há problemas em 19.

Como o relatório integra um processo que ainda será julgado, a auditora Vanessa Melo não apontou quais são as instituições com grandes problemas. “Este trabalho foi finalizado pela unidade técnica e encontra-se atualmente no gabinete do ministro (Aroldo Cedraz). Estamos esperando o julgamento para os próximos meses”, disse. “A partir do julgamento, ele se torna público. Ele vai sair com uma análise geral e análises individualizadas de cada universidade”.

EXEMPLO

O seminário apresentou dados preocupantes, mas também trouxe esperança com experiências bem-sucedidas. Entre

elas, a própria Federal de Ouro Preto (Ufop), anfitriã do evento da Andifes.

Uma das grandes iniciativas locais foi apresentada pela professora Flávia Máximo, ouvidora da universidade, que abordou o tratamento oferecido às vítimas que procuram o serviço.

No ano passado, até 20 de novembro, houve 163 atendimentos na Ouvidoria Feminina: 25% relacionados a casos de assédio moral; 20%, de assédio sexual; 15%, de estupro; 10% de LGBTfobia; 10% de violência doméstica; 10%, de stalking (perseguição insistente); 5%, de importunação sexual; e 5%, de difamação.

Após o acolhimento e cuidados iniciais, como auxílio psicológico, a vítima recebe orientação jurídica. Se a vítima deseja, faz o protocolo da denúncia. A partir daí, o processo segue fluxos específicos para se chegar a um resultado.

Se o denunciado for aluno, a denúncia é encaminhada para a pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis; se for servidor, vai para a Corregedoria; se for terceirizado, para a pró-reitoria de Planejamento.

“Assim, departamentos e diretorias não podem mais instaurar procedimentos de investigação relacionados a violência de gênero que, em razão do corporativismo, acabavam enterrando as denúncias”, disse.

CARTA DE OURO PRETO

A expectativa é que o encontro de Ouro Preto ajude a multiplicar as iniciativas positivas em todas as universidades federais.

“A ideia foi justamente compartilhar experiências e políticas das universidades para refletirmos sobre a atuação nesta área”, disse a reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, professora Sandra Goulart Almeida, vice-presidente da Andifes.

Reitora em exercício da UFRJ, a professora Cássia Turci apresentou a universidade no seminário. “A partir dos depoimentos e iniciativas, será elaborado um documento chamado ‘a carta de Ouro Preto’, que será distribuído para todas as universidades”, explicou. “A carta de Ouro Preto, assim que aprovada, poderá nos ajudar nestes encaminhamentos”.

A dirigente elencou os esforços promovidos pela maior federal do país contras as intolerâncias, os últimos anos, mas enfatizou que é preciso fazer mais. “A Ouvidoria da Mulher (criada no início de 2023) foi uma excelente iniciativa. O GTPEG (grupo de trabalho de Parentalidade e Equidade de Gênero, de 2020) e a SGAADA (Superintendência Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade, de junho de 2023) também são instâncias importantes quando falamos no avanço da política de igualdade de gênero”.

EDUCAÇÃO CONTRA A INTOLERÂNCIA

Convidada especial do seminário da Andifes, a ministra Carmen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, propôs aos gestores e gestoras das universidades a realização de uma campanha “Educação pela Paz em Casa”. Seria uma forma de ajudar a prevenir e combater todas as formas de intolerância não só nas instituições, mas no país inteiro.

Temendo retrocessos civilizatórios, a ministra entende que a defesa da democracia passa pela educação da liberdade e enxerga nas universidades um papel importante neste processo de formação dos estudantes. E para além de seus muros. “Eu quero falar de paz. Eu quero que haja um processo pacificador, que a gente possa oferecer uma educação no Brasil pela libertação, pela igualação e pela pacificação”.

Mas Carmen, que é professora titular da PUC-MG, fez a ressalva. “Precisamos ter a igualação nos espaços universitários. Se nós não nos igualamos até entre nós, professores e professoras e alunos de forma geral, não conseguiremos passar isso para fora”.